

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NO MUNICÍPIO DE ARROIO DO PADRE, RS

RAFAELA DE SOUSA CORRÊA DE MAGALHÃES¹; GUSTAVO HEIDEN²;
JAQUELINE DURIGON³; CARLOS ROGÉRIO MAUCH⁴

1Universidade Federal de Pelotas – magalhaes.rsc@gmail.com

2Embrapa Clima Temperado – gustavo.heiden@embrapa.br

3Universidade Federal do Rio Grande – jaquinedurigon@gmail.com

4Universidade Federal de Pelotas – crmauch@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A progressiva padronização das dietas e, paralelamente, a perda cultural relacionada à enorme diversidade de espécies alimentícias ameaçam a soberania alimentar, tanto pelo empobrecimento generalizado das dietas, quanto pela acelerada erosão da agrobiodiversidade (AGRICULTURAS, 2016). Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), cerca de 7.000 espécies de plantas foram cultivadas para consumo na história da humanidade, sendo que atualmente, apenas 30 espécies correspondem a 95% das necessidades alimentícias humanas (FAO, 2020). Por outro lado, estima-se que mais de 12.000 espécies podem ser alimentícias para humanos no mundo (RAPOPORT; DRAUSAL, 2001). No Brasil, Kinupp e Lorenzi (2014) estimam a ocorrência de 3.000 espécies alimentícias ainda não convencionais.

No Rio Grande do Sul, Kinupp (2007) demonstrou que 21% da flora local, estimada em 1,5 mil espécies, tem potencial alimentício, sendo 312 espécies nativas encontradas na região metropolitana de Porto Alegre. Estas plantas nativas ou cultivadas, em que raízes, caule, folhas, flores, pólen ou outras partes são comestíveis, mas não são usualmente utilizadas na alimentação humana, são denominadas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). As PANC possuem também grande importância ecológica e econômica, mas muitas vezes são consideradas invasoras ou ervas daninhas (inços), pois ocorrem em monoculturas comerciais, gerando competição e prejuízos na produção agrícola. Além disto, as PANC podem ser consideradas elementos importantes da sociobiodiversidade, pois muitas das espécies, em especial as nativas, têm uso histórico em comunidades tradicionais, com grande influência na cultura alimentar destas (KINUPP, 2007; BIONDO et al., 2018).

A perpetuação do conhecimento tradicional sobre plantas, especialmente no que tange às alimentícias, é fundamental na busca pela soberania e segurança alimentar, pois tem mantido espécies e modos de produção ao longo da história. Nesse sentido, estudos etnobotânicos podem ser instrumentos de valorização e identificação de plantas alimentícias locais, estabelecendo inter-relações entre as pessoas e as plantas do seu meio, a partir de uma análise interativa direta entre o simbólico, o natural (botânico) e o cultural (ALBUQUERQUE, 2005).

Tendo em vista a importância do resgate e preservação dos conhecimentos tradicionais sobre plantas alimentícias na busca pela popularização do seu uso e diversificação alimentar, este estudo objetivou realizar o levantamento etnobotânico de plantas alimentícias não convencionais no município de Arroio do Padre, RS. Foi realizado um diagnóstico sobre o conhecimento atual sobre as PANC existente nas famílias dos agricultores, além de coletas e identificação das espécies citadas pelos mesmos.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no município de Arroio do Padre, RS, através de entrevistas com agricultores que fazem parte da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (Arpasul), totalizando quatro informantes. A metodologia incluía questionários semiestruturados, além de conversas informais, realizadas nas unidades de produção familiar (UPF), sendo os dados coletados e analisados na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (UFPEL).

Após as entrevistas, foi utilizado o método da turnê-guiada (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2010), onde os agricultores apontavam as plantas férteis para realização das coletas e posterior confirmação de identificação. Os procedimentos de coleta e herborização atenderam às normas descritas no Manual Técnico da Vegetação Brasileira (IBGE, 2012) e no Manual de Procedimentos para Herbários (PEIXOTO; MAIA, 2013), sendo os procedimentos de herborização e identificação taxonômica realizados no Laboratório de Recursos Genéticos da Embrapa Clima Temperado e as exsiccatas depositadas no Herbário ECT da Embrapa Clima Temperado.

Para identificação taxonômica foram analisados os dados contidos nas fichas de coleta e as características morfológicas do material botânico associados com consulta a chaves de identificação taxonômica, livros, publicações científicas e bases de dados especializadas online, bem como a especialistas, quando necessário. As famílias de angiospermas foram circunscritas conforme a classificação presente em Angiosperm Phylogeny Group (APG IV, 2016) e as espécies foram aceitas conforme a Flora do Brasil 2020 em construção (2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os agricultores, em sua totalidade, afirmaram já ter ouvido falar em plantas alimentícias não convencionais, inclusive reconhecendo sua sigla, mas não souberam explicar seu significado. No entanto, após explicação do conceito de PANC e exemplificação de algumas espécies, a maioria sentiu-se à vontade para listar diversas espécies, informando já ter consumido parte delas, assim como observado no estudo de Polesi et al. (2017).

Foram citadas pelos agricultores entrevistados 77 plantas que são cultivadas ou espontâneas em suas UPF, correspondendo a 43 espécies vegetais. Esta lista de espécies foi cruzada com as principais referências a respeito do tema, a saber: Kinupp (2007), Rapoport et al. (2009) e Kinupp; Lorenzi (2014), resultando em 29 espécies que tiveram a classificação como PANC confirmada. Estas plantas estão distribuídas em 17 famílias botânicas, das quais as mais citadas foram Asteraceae (5), Amaranthaceae (4), Myrtaceae (4) e Brassicaceae (3), ordem oposta àquela obtida no estudo de Pesce (2011), no qual a família Myrtaceae foi a mais representativa, seguida de Asteraceae.

Dentre as espécies, quatro foram citadas por todos os agricultores, sendo elas: beterraba (*Beta vulgaris* L.), brócolis e couve-flor (duas variedades de *Brassica oleracea* L.), e cenoura (*Daucus carota* L.), cujas folhas estão na categoria de parte alimentícia não convencional, e língua-de-vaca (*Rumex obtusifolius* L.), classificada como “praga” pelos agricultores. Três agricultores citaram: araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), bananinha-do-mato (*Bromelia antiacantha* Bertol.), beldroega (*Portulaca oleracea* L.), ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* Mill.), tansagem (*Plantago lanceolata* L.) e violeta (*Viola odorata* L.). Corroborando as informações trazidas por Kinupp (2007), percebe-se que os

frutos nativos, citados como consumo ocasional têm grande potencial tanto para consumo in natura quanto para o preparo de subprodutos, sendo estes passíveis de comercialização.

Em relação à intencionalidade de uso das PANC, 68% das citações foram para uso alimentício, 23% para uso medicinal, através de chá e/ou xarope, 6% para uso alimentício e medicinal, 3% para uso como condimento. A parte mais consumida pelos agricultores foi a folha (45%), sendo 46% cozida, 38% para preparo de chás e 15% in natura.

De todas as PANC citadas, 28% não são utilizadas pelos agricultores, principalmente por não haver conhecimento de preparo adequado, contrastando com os dados obtidos em Leal (2015), onde foi observada a não utilização de 44% das espécies citadas pelos entrevistados. Portanto, observa-se que apesar de haver conhecimento sobre algumas espécies de plantas alimentícias não convencionais, nem sempre faz parte deste conhecimento sua forma de preparo.

4. CONCLUSÕES

Os agricultores conhecem parte da agrobiodiversidade alimentícia existente em suas propriedades, mas nem sempre sabem como utilizá-la. Nesse sentido, ações de popularização das espécies de PANC e seus usos são necessárias para estimular seu consumo, contribuindo para a diversificação alimentar do produtor. Além de garantir a segurança alimentar e nutricional dos agricultores, as PANC podem, a partir desta apropriação pelo agricultor, agregar novos produtos para comercialização, sendo uma complementação de renda, na medida que também aumenta a oferta aos consumidores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRICULTURAS: experiências em agroecologia. v.13, n.2, jun 2016 (corresponde ao v. 32, nº2 da Revista Farming Matters). ISSN: 1807-491X.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (org.) **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010.

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, 181, p. 1–20, 2016.

BIONDO, E; FLECK, M.; KOLCHINSK, E.M.; SANT'ANNA, V. Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari, RS. **Rev. Elet. Cient. UERGS**, v. 4, n. 1, p. 61-90, 2018.

FAO. **Biodiversity for a world without hunger: Plants**. Disponível em: <<http://www.fao.org/biodiversity/components/plants/en/>>. Acesso em 30 set. 2020.

Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 30 set. 2020.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, W. I. **As feiras-livres de Pelotas, RS**: Estudo sobre a dimensão sócio-econômica de um sistema local de comercialização. 2005. 284f. Tese (Doutorado em Produção Vegetal) - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KINUPP, V.F. 2007. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. 562 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LEAL, M.L. **CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC) NO RIBEIRÃO DA ILHA – FLORIANÓPOLIS/SC**. 2015. 90p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2015.

PEIXOTO, A.L.; MAIA, L.C. **Manual de Procedimentos para Herbários**. Recife: UFPE, 2013.

PESCE, L.C. **LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NATIVAS E ESPONTÂNEAS NO RS: CONHECIMENTO DOS AGRICULTORES DAS FEIRAS ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE**. 2011. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

POLESI, R.G.; ROLIM, R.; ZANETTI, C.; SANT'ANNA, V.; BIONDO, E. **AGROBIODIVERSIDADE E SEGURANÇA ALIMENTAR NO VALE DO TAQUARI, RS: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS E FRUTAS NATIVAS**. Revista Científica Rural, v.19, n.2, 2017.

RAPOPORT, E. H.; DRAUSAL, B. S. **Edible Plants**. In: Encyclopedia of Biodiversity. New York: Academic Press, 2001, p 375-382.

RAPOPORT, E.H.; MARZOCCA, A.; DRAUSAL, B.S. **Malezas comestíveis del Cono Sur y otras partes del planeta**. Argentina: Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria, 2009.